

Sobre o editor

Notas para sua história*



Aníbal Bragança

Doutor em Ciências da Comunicação (Universidade de São Paulo - USP), Professor Associado, aposentado, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Diretor da Editora da Universidade Federal Fluminense (Eduff), Coorganizador de Impresso no Brasil – Dois séculos de livros brasileiros (Edunesp), Prêmio Jabuti 2011.

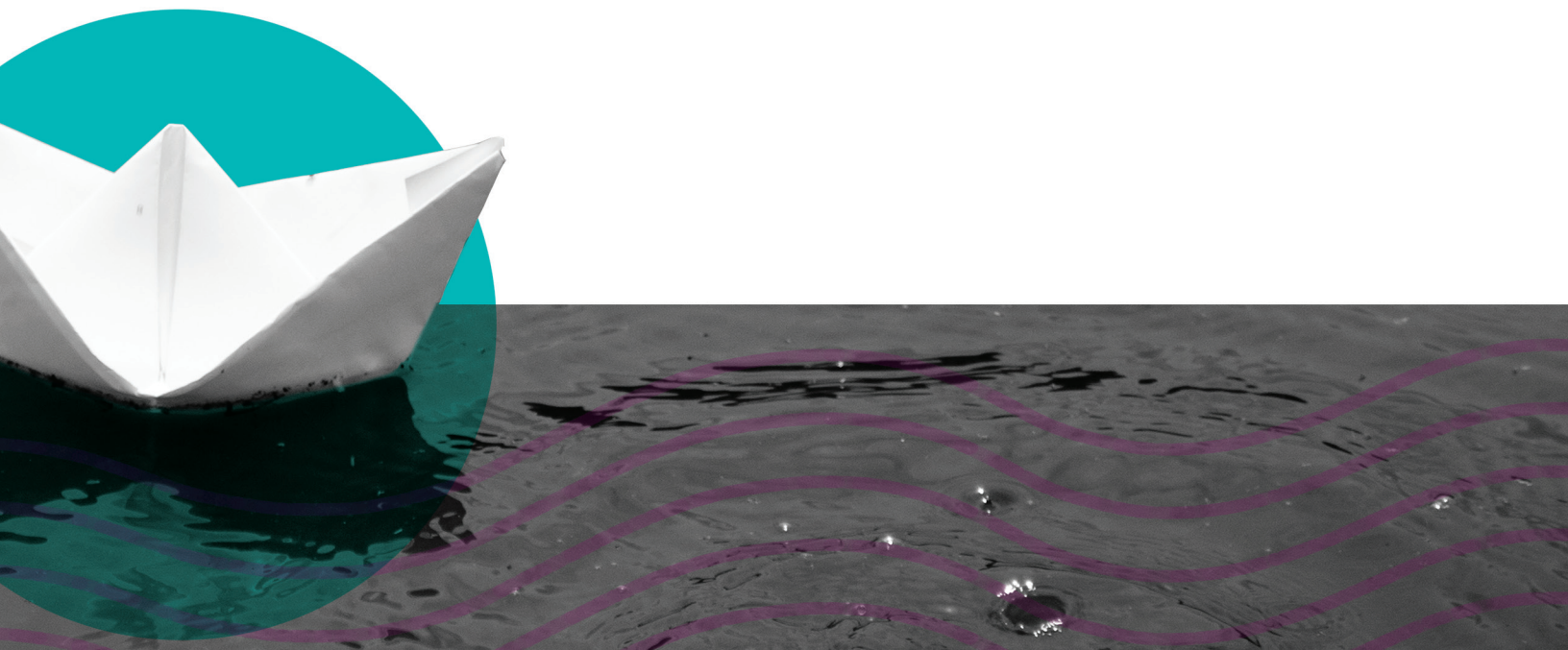
O artigo procura contribuir para a definição da função editor de livros impressos e oferece indicações básicas de sua história no Ocidente. Etimologia e conceitos. Tipologia histórica. Formação, desenvolvimento e crise da cultura impressa. Mudanças e novas oportunidades para a função editor na contemporaneidade.

Introdução

Palavra de origem latina, *editor* indica-nos dois movimentos: “dar à luz” e “publicar”.¹ Surge na Roma antiga para identificar aqueles que assumiam a responsabilidade de multiplicar e de cuidar das cópias dos manuscritos originais dos autores, zelando para que fosse correta a sua reprodução. Em português, a palavra editor foi dicionarizada pela primeira vez no início do século XIX, em 1813 (CUNHA, 1982, p. 284).

* Este artigo se reproduz com a autorização do autor. A primeira e completa versão foi publicada em *Em Questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 219-237, jul./dez. 2005, de la Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/119/77>

¹ En latín, “publicar un libro” se dice generalmente *edere, emittere, [di]vulgare*, afirma Tönnies Kleberg em “Comercio librario y actividad editorial en el Mundo Antiguo”, in *Cavallo*, 1995, p. 71.



Emanuel Araújo (1986, p. 35s) considera ser “básico” o sentido de *editor* conservado no uso em inglês, como “a pessoa encarregada de organizar, i.e., selecionar, normalizar, revisar e supervisionar, para publicação, os originais de uma obra e, às vezes, prefaciá-la e anotar os textos de um ou mais autores”, ficando desse modo restrito à ação de preparar, dar o “feiçãoamento” do texto, aprontá-lo, *dá-lo à luz*, *fazê-lo nascer*. No inglês, o sentido de *publicar*, isto é, a ação de, pelos processos da edição gráfica, multiplicar esse texto *exemplar* em muitos exemplares idênticos, e *fazê-lo* assim conhecido e acessível ao público, distribuído e vendido através de livrarias e outros canais competentes, é uma atribuição e um encargo do *publisher*, “proprietário ou responsável de uma empresa organizada para a publicação de livros”.

Já Antônio Houaiss (1983, p.3) defende que o conteúdo semântico do conceito de editor, expresso em inglês *editor* – em oposição ao de *publisher* – no sentido de “editor de texto” ou de “diretor de texto”, é abarcado no conceito amplo de *autor*, isto é, aquele que deve

preparar ou presidir ao preparo da cópia destinada à leitura e composição por parte do tipógrafo-compositor com tal precisão convencional, com tal rigor, legibilidade e

compreensibilidade, que a correlação entre a cópia e o futuro livro seja uma e uma só, prefigurada e predeterminada na cópia.

Esclarecendo que, embora o francês *éditeur*, o espanhol *editor*, o italiano *editore* e o português editor também englobem “não raro, a área semântica do inglês *editor*”, Houaiss (1983, p.3) na sua obra *Elementos de bibliologia*, afirma que o uso da palavra editor ficará

restrito ao seu sentido usual de pessoa sob cuja responsabilidade, geralmente comercial, corre o lançamento, distribuição e venda em grosso do livro, ou de instituição, oficial ou não, que, com objetivos comerciais ou sem eles, arca com responsabilidade do lançamento, distribuição e, eventualmente, venda do livro.

Esta diferença de perspectiva entre Houaiss e Araújo faz com que as duas mais importantes obras sobre o tema, em nosso idioma, acentuem diversamente os dois aspectos do conteúdo semântico do conceito de editor. Enquanto Araújo valoriza e destaca o viés do “que gera, que produz, o que causa”, correlato ao substantivo grego *ékdoxis*, que está na origem do termo português *ecdótica*, com o sentido de “crítica textual ou arte de editar textos criticamente”, a definição dada por Houaiss abrange, segundo Silva (1971, p. 45-50),

um complexo de campos de trabalho distintos, que vão desde a direção editorial até as atividades de distribuição e vendas, além de relacionar-se a ponto de tê-los como pressupostos essenciais, com dois outros ramos da bibliologia, a saber, a bibliotecnia e a ecdótica.

Assim, a editoração

confunde-se com a própria *atividade editorial*, ou, para sermos mais precisos, com a atividade a que se dedica uma empresa editora, desde que, é obvio, estruturada ao sério.

Entendemos que o conceito de editor, incluindo as atividades de “dar à luz” e de “publicar”, embora exigindo o uso do derivado “editor de texto” para os casos específicos,² é o que melhor representa o complexo campo de suas atividades na indústria editorial. Especialmente, porque insere implicitamente como encargo do editor a publicação, não apenas no sentido de dar à luz o livro impresso, mas na ação de torná-lo publicamente conhecido, isto é, difundido, distribuído, consumido e lido.

Antonio Houaiss, entretanto, ao abarcar o editor como aquele que dá à luz, no conceito amplo de autor, levanta uma questão muito relevante. É evidente que o editor, em muitas situações, confunde-se com o autor, atuando mesmo como tal, na edição de livros. É dele, muitas vezes, “a causa principal, a origem de”, atribuições semânticas do conceito de autor. De fato, e não só como “editor de texto” ou “diretor de texto”, como garante Houaiss, mas a figura plena do editor poderia estar incluída no conceito “amplo” de autor. Pois, afirmamos nós, todos os livros são produto da ação combinada do autor e do editor. Às vezes gestados mais pelo autor, outras vezes criados pelo editor.

Nesta última situação, por exemplo, pode-se incluir muitas obras conhecidas de referência, como enciclopédias, dicionários, atlas geográficos, almanaques, coletâneas de textos, antologias literárias, etc., que, não por acaso, recebem no título, muitas vezes, o nome dos editores, como se autores fossem. Lembremos da *Grande Enciclopédia Delta Larousse*, *Dicionário de Ciências Sociais da UNESCO*, *Almanaque Laemmert*, *Atlas do MEC*, etc. Tais edições, que envolvem equipes, peque-

nas ou grandes, de realização são, em geral, ideadas e concretizadas por editores, que, em conseqüência, são seus principais autores, embora os trabalhos de edição textual e gráfica costumem ser delegados à coordenação de um editor ou diretor de texto e de um editor gráfico.

Mesmo em situações nas quais o editor não tem qualquer pretensão de co-autoria, são inúmeros os exemplos da sua velada intervenção, junto ao autor, no texto, inclusive em livros que se tornaram famosos. E todos os que já publicaram livros podem dar testemunhos da participação do editor em suas obras, em algumas desde a concepção. Incisões, revisão, copidesque e até aposição de título são intervenções, em geral esquecidas, mas que contribuem, na maioria das vezes, para tornar melhor o trabalho do autor, que, algumas vezes, as aceita de boa vontade, em outras, muito relutantemente. Ou as recusa e execra, com ou sem razão. Mas indispensável, notória e reconhecida é a parceria que faz do texto um livro, na qual, além de parceiro, o editor dá forma, corpo e roupa à obra que fez nascer – e finalmente chegará às livrarias. E que, só por isso, já faz dele também, de alguma forma, seu autor.

Do original ao livro

Façam o que fizerem, os autores não escrevem livros. Os livros não são de modo nenhum escritos.

São manufaturados por escribas e outros artesãos, por mecânicos e outros engenheiros, e por impressoras e outras máquinas.

STODDARD, apud CHARTIER, 1990, p. 126

Ao referir-se à importância da inteligibilidade do original para a boa fabricação do livro, Houaiss (1983, p. 4) adverte que “[...]entre ele e o leitor intermedeia uma série maior ou menor de profissionais, que vão emprestar ao seu trabalho o concurso de seus conhecimentos, experiência, sabedoria, técnica e operosidade [...]”, e que isso obriga a que a cópia aprovada por ele – autor, editor de texto ou diretor de texto – para ser transformada em livro deve estar em condições de “[...]ser compreendida fácil e imediatamente pelos profissionais por cujas mãos vai transitar”.

2 Hoje o uso do termo editor, como aquele que prepara para “publicar”, estende-se a várias atividades, como a de editor de periódicos, de cinema e vídeo, de cassetes e discos de áudio, e de outros meios audiovisuais e no universo da web.

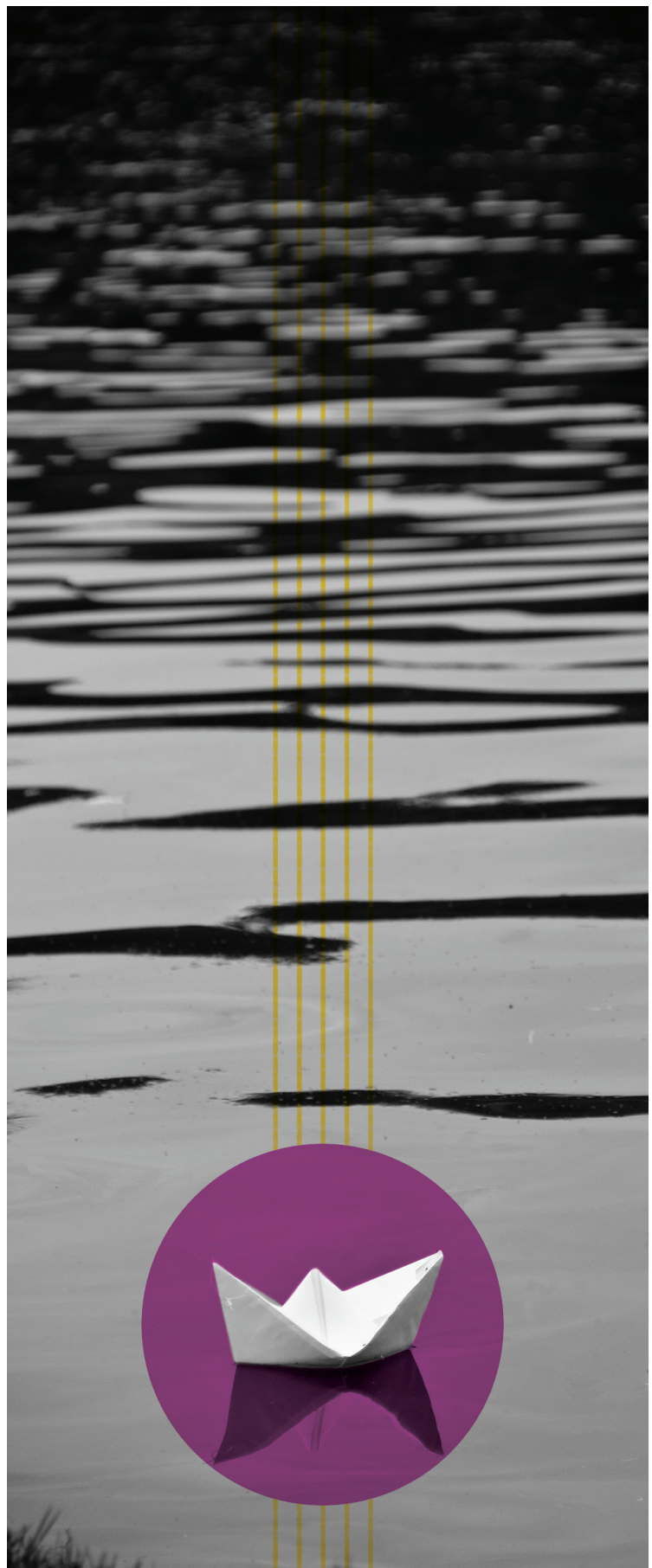
Os elementos humanos e técnicos que intervêm nessa parte do processo de edição –a transformação do original *já pronto* em livro– são a seguir enunciados, e dos quais se podem destacar, além das máquinas e tintas, o “chefe de oficina, revisor, impressor, costurador, capeador –sem contar artistas e técnicos gráficos, desenhistas, ilustradores, indiciadores”. (HOUAISS, 1983, p. 4)

O que Stoddard não disse é que escribas, artesãos, mecânicos e suas máquinas só fazem os livros sob a coordenação, a supervisão e o comando de editores. Nem disse Chartier, que o citou – e mesmo Houaiss deixa escapar esse aspecto nuclear ao colocar o editor como um dentre os muitos agentes do processo –, que todo este movimento de criação nasce –ou não nasce– a partir da decisão do editor de publicar – ou recusar – o original. (STODDARD apud CHARTIER, 1990).

São os editores, enfim, que decidem que textos vão ser transformados em livros. E, pensando em qual público a que devem servir, como serão feitos esses livros. Mesmo quando não é deles a iniciativa dos projetos, é deles que parte a direção a seguir. É neste lugar de decisão e de comando, e de criação, que está o coração do trabalho de editor. É também esse lugar que exige dele saberes específicos (“escolher, fabricar, distribuir”), que o diferenciam dos demais agentes envolvidos no processo editorial, e lhe impõe responsabilidades únicas, profissionais, sociais, econômicas, financeiras, administrativas e mesmo (juntamente com os autores) judiciais.

Funcionam, pois, os editores como um filtro no elo entre autor e leitor. Filtro que pode ser uma barreira intransponível entre um escritor, com um manuscrito, e um autor, e os leitores, mas que pode, também, ser a ponte entre um escritor inédito e um autor consagrado e lido. Conforme lembra Maria Augusta Babo (1993, p.17-18), a função editor tem um

duplo desempenho mediático: entre o texto e o leitor através do livro; entre o mundo da publicação possível e o da publicação efetiva. Mediação esta, de natureza performativa, na medida em que é o mundo da publicação efetiva que determina o mundo da leitura possível. (BABO, 1993, p. 17-18)



Nesse lugar, às vezes de juiz, às vezes de polinizador, entre as leituras possíveis e as efetivamente disponíveis na sociedade, entre a apatia e a dinamização do mercado de bens culturais, é que se deve buscar sua dimensão histórica, econômica, social e cultural.

Considerações finais

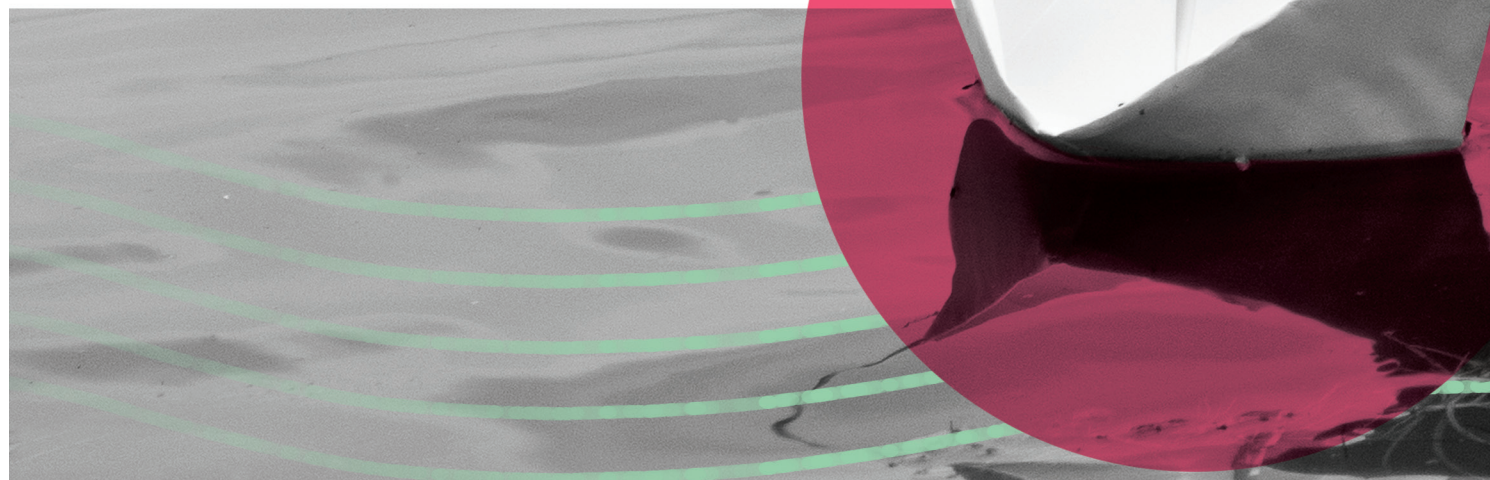
É difícil prever o futuro do editor do livro impresso, que durante pelo menos cinco séculos esteve no centro do processo cultural do Ocidente. Sabese que a crise no setor trouxe mudanças e novas possibilidades, que levaram ao surgimento de tipos novos de editores, como o editor-executivo e o editor- “autônomo”. E que essa função não é mais só a que faz o livro nascer e circular o livro impresso. Sem a importância que teve antes, sua atuação espalha-se por diferentes mídias, inclusive, em muito, no mundo digital.

No Brasil, por enquanto, a massa de livros requerida no ensino, do ensino fundamental à universidade, tem sido um fator de estabilidade e até de crescimento do setor do livro impresso. Segundo McLuhan (1972, p. 291), “[...]o sistema escolar, *guardião da cultura tipográfica*, não tem lugar para o crespo e duro individualista. É, de fato, o alimentador homogeneizador em que

lançamos as melhores partes integrantes de nós mesmos para serem processadas [...]”. Até quando o será?

Referências

- ARAÚJO, Emanuel. A construção do livro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BABO, Maria Augusta. A escrita do livro. Lisboa: Vega, 1993.
- BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. S. Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas II)
- BRAGANÇA, Aníbal. Eros pedagógico: a função editor e a função autor. 2001. Tese (Doutorado)- Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- CAVALLO, Guglielmo (org.). Libros, editores y público en el Mundo Antiguo: guia histórica y crítica. Versión esp. de Juan Signes Codoñer. Madrid: Alianza, 1995.
- CERTEAU, Michel de A invenção do cotidiano: artes de fazer. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.



- CHARTIER, Roger. A aventura do livro, do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Trad. de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. S. Paulo: Unesp, 1998.
- _. A história cultural, entre práticas e representações Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.
- _. Libros, lecturas y lectores en la Edad Moderna. Versão espanhola de Mauro Armiiño. Madrid: Alianza, 1994.
- CUNHA, Antônio Geraldo. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. P. 284.
- EISENSTEIN, Elizabeth L. A revolução da cultura impressa: os primórdios da Europa Moderna. Trad. de Osvaldo Biato. S. Paulo: Ática, 1998. (Col. Múltiplas escritas)
- ESCARPIT, Robert. A revolução do livro. Trad. de Maria Inês Rolim. Rio de Janeiro: FGV, 1976.
- FEBVRE, Lucien & MARTIN, Henry-Jean. O aparecimento do livro. Trad. de Fulvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. S. Paulo: Hucitec; Unesp, 1992.
- HOUAISS, Antônio. Elementos de bibliologia, S. Paulo: Hucitec, 1983.
- MCLUHAN, Marshall. A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico. Trad. de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1972.
- MARTINS, Wilson. A palavra escrita. S. Paulo: Anhembi, 1957.
- McMURTRIE, Douglas C. O livro, impressão e fabrico. Trad. de Maria Luísa Saavedra Machado. Lisboa: Calouste Golbenkian, 1969.
- MOLLIER, Jean-Yves. O nascimento da cultura de massa na *Belle Époque*: implantação das estruturas de difusão de massa. Margem, São Paulo: Faculdade de Ciências Sociais, PUC-SP, n. 8, p. 127-138, dez. 1998.
- SILVA, Paulo Amélio do Nascimento. A editoração na universidade brasileira. In: Revista de Cultura Vozes, v. 65, n. 3, p. 45-50, abr. 1971.
- WEISE, O. La escritura y el libro. Vers. esp. (da 4ª. ed. alemã) de D. Luis Boya Saura. 2. ed Barcelona: Labor, 1929. (Colección Labor, 12)